

# Vozes ocultas: entre a invisibilidade social e os direitos humanos

LUCIANA CRISTINA GODOY<sup>1</sup>

GISELE ZANARDI POLIZEL<sup>2</sup>

VALÉRIA OLIVEIRA DE VASCONCELOS<sup>3</sup>

## Resumo

Este artigo tem como objetivo apresentar os resultados de uma investigação e reflexões sobre alguns saberes, experiências e valores sociais de profissionais que atuam na indústria da carne, exercendo a função de açougueiro. A pesquisa foi desenvolvida como um exercício de pesquisa etnográfica, vinculada à disciplina acadêmica “Educação como Cultura”, do curso de Mestrado em Educação do Centro Universitário Salesiano de São Paulo (UNISAL), em Americana-SP. A metodologia adotada utilizou técnicas e procedimentos de coleta de dados associados à pesquisa etnográfica. É a interação sistemática de pesquisadores nos espaços de trabalho de cinco açougueiros, a partir da observação direta, de conversas informais, seguidas da aplicação de entrevistas semiestruturadas. Os resultados indicam que, embora a maioria dos entrevistados declare não se reconhecer socialmente invisível, apontando a importância de seus conhecimentos nas práticas sociais, a análise de seus discursos contradiz em alguns aspectos suas falas quando questionadas sobre a forma como a sociedade compreende suas práticas sociais e educacionais. Infere-se que, em decorrência de um modelo civilizatório eurocêntrico-colonial, existe um preconceito velado em relação a essa profissão, o que se evidencia na constituição das subjetividades dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

Palavras-chave: Conhecimento. Invisibilidade. Cultura e experiência de açougueiros

## Hidden voices: between social invisibility and human rights

### Abstract

This article aims to present the results of an investigation and reflections on some knowledge, experiences and social values of professionals who work in the meat

industry, exercising the role of butchers. The research was developed as an exercise in ethnographic research, linked to the academic discipline “Education as Culture”, from the Master’s course in Education at the Salesian University Center of São Paulo (UNISAL), in Americana-SP. The adopted methodology used data collection techniques and procedures associated with ethnographic research. It is the systematic interaction of researchers in the work spaces of five butchers, based on direct observation, informal conversations, followed by the application of semi-structured interviews. The results indicate that, although the majority of the interviewees declare that they do not recognize themselves as socially invisible, pointing out the importance of their knowledge in social practices, the analysis of their discourses contradicts in some aspects their statements when questioned about the manner that society comprehends their social and educational practices. It is inferred that, as a consequence of a Eurocentric-colonial civilizing model, there is a veiled prejudice in relation to this profession, which is evident in the constitution of the subjectivities of the subjects involved in the research.

Keywords: Knowledge. Invisibility. Culture and experience of butchers.

## Voces ocultas: entre la invisibilidad social y los derechos humanos

### Resumen

Este artículo tiene como objetivo presentar los resultados de una investigación y reflexiones sobre algunos conocimientos, experiencias y valores sociales de los profesionales que trabajan en la industria cárnica en el ejercicio del rol de carniceros. La investigación se desarrolló como un ejercicio de investigación etnográfica, vinculado a la disciplina Educación como Cultura de la Maestría en Educación del Centro Universitario Salesiano de São Paulo (UNISAL), en Americana / SP. La metodología adoptada utilizó técnicas y procedimientos de recolección de datos asociados con la investigación etnográfica. Se trata de la interacción sistemática de los investigadores en los espacios de trabajo de cinco carniceros, basada en la observación directa y conversaciones informales, seguida de la aplicación de entrevistas semiestructuradas. Los resultados indican que, si bien la mayoría de los entrevistados no se reconocen socialmente invisibles, señalando la importancia de su conocimiento en las prácticas sociales, el análisis de sus discursos contradice en algunos aspectos sus afirmaciones, al ser cuestionados sobre la mirada que la sociedad utiliza. prácticas sociales y educativas. Se infiere que, como consecuencia de un modelo civilizador eurocéntrico-colonial, existe un velado prejuicio en relación a esta profesión, que se evidencia en la constitución de las subjetividades de los sujetos involucrados en la investigación.

Palabras clave: Conocimiento. Invisibilidad. Cultura y experiencia de carniceros.

## Introdução

Este artigo procura discorrer sobre a nossa experiência como pesquisadoras com o exercício de pesquisa etnográfica, viabilizado no âmbito de uma disciplina de mestrado. Nosso objetivo é apresentar os resultados da investigação e reflexões sobre alguns saberes, vivências e valores sociais de profissionais que trabalham na indústria da carne exercendo a função de açougueiros e que, muitas vezes, são invisíveis perante a sociedade. O exercício metodológico de pesquisa etnográfica foi proposto pela docente, responsável durante a oferta da disciplina Educação como Cultura, curricular do Programa de Mestrado em Educação do Centro Universitário Salesiano de São Paulo (UNISAL), em Americana/SP.

Açougueiros são os profissionais que, geralmente, atuam no comércio especializado e desempenham o ofício de esquarterar e vender pedaços ou peças de animais não humanos mortos. Eles trabalham nos espaços denominados açougues. Até o século XVIII, o abate e a venda de carne eram atividades praticamente centralizadas, realizadas com base em trabalho artesanal pouco dividido. Isso ocorria essencialmente nos centros urbanos de maneira elitizada, sendo um negócio restrito ao ofício dos açougueiros que abatiam, evisceravam, cortavam e preparavam animais não humanos, considerados de corte, para a venda no local ou em outros mercados distantes (BOSI, 2014).

A industrialização da carne esteve articulada com a simplificação e divisão do trabalho do açougueiro, o qual historicamente passou de uma tarefa de notável reconhecimento e recompensa social para uma atividade residual e recessiva na atualidade, conforme discorre Bosí (2014), ao abordar a perspectiva histórica que desconcilia o ofício de açougueiro dos trabalhadores atuais de frigoríficos. O pesquisador ainda esclarece que:

[...] as tecnologias e as técnicas relacionadas ao abate, ao esquarteramento e ao preparo da carne para a venda pouco mudaram durante os dez séculos que antecederam o século XIX. Ao longo desse tempo, os açougueiros sedimentaram seu ofício e seu lugar nas principais cidades da Europa, movimentando grandes quantidades de gado, porcos, ovelhas, e abastecendo de carne a população em condições de compra-la. Como em qualquer outro ofício havia mestres melhor posicionados economicamente do que seus pares, mas

sua importância social se revelava a partir de sua identidade expressa pelo trabalho, e tal identidade era basicamente cultivada e reproduzida nas guildas (BOSI, 2014, p. 88).

Partimos da conjectura de que, nos dias atuais, esses profissionais estão imersos em um cenário socioeconômico amparado por duas poderosas estruturas: a indústria capitalista de exploração animal e a cultura ocidental antropocêntrica – fortemente arraigada em nossas relações e legitimada no processo civilizatório. Essas estruturas entrelaçam-se, solidificam e legitimam práticas sociais de exploração e opressão que incidem tanto nos trabalhadores quanto no produto, ambos sujeitos de uma vida.

Buscamos ampliar a compreensão crítica da realidade que cerca tanto os profissionais da linha de produção da indústria da carne – especificamente os açougueiros com os quais dialogamos em nossa trajetória de pesquisa – quanto as pesquisadoras, por meio de um processo dialógico de formação humana. Procuramos, pois, problematizar a realidade que os cerca, para contribuir com outros olhares e posturas diante desse grupo.

Compreendemos que a pesquisa de abordagem etnográfica parte do contexto maior, a fim de destacar uma particularidade, e, em nossa pesquisa, buscamos compreender os pressupostos educativos subjacentes à prática social dos profissionais da linha de produção e a interface com a ideologia do consumo de carne. Portanto, elencamos três pontos principais para realizarmos a investigação:

- 1) Compreensão da cultura dos açougueiros, com o objetivo de entender os processos educativos que envolvem a profissão.
- 2) Teorização sobre as falas à luz das teorias da cultura, considerando o lugar em que falam as pesquisadoras.
- 3) Reflexão sobre os processos formativos entre pesquisadoras-pesquisados.

Desse modo, objetivamos desvelar saberes entre pessoas invisibilizadas socialmente, uma vez que, assim como coloca Valla (1996, p. 178), “temos dificuldades em aceitar que as pessoas humildes, pobres, moradores da periferia, são capazes de produzir conhecimento, são capazes de organizar e sistematizar pensamentos sobre a sociedade e de agir”.

É necessário nos libertarmos da influência da cultura etnocêntrica, eurocêntrica e antropocêntrica, que concebe e toma o outro “diferen-

te” (todo aquele que está fora do padrão eurocêntrico e/ou dominante) como o oprimido, inferior, sem perspectivas de desenvolvimento e passível de exploração. Conforme citado, os grupos sociais marginalizados e/ou invisibilizados também possuem experiências, saberes e conhecimentos e não representam, de forma alguma, seres e saberes inferiores. Pelo contrário, a diversidade e a cultura em que estão inseridos vão iluminar outras epistemologias que daí decorrem. E, para desvelar essas distintas epistemes, há que se aproximar e investigar mais profundamente com as pessoas, ao lado delas.

Silva (*apud* ARAÚJO-OLIVEIRA, 2014, p. 58) explica que “o ato de investigar ultrapassa o exercício acadêmico e assume a postura política”; e ainda complementa: “A postura política, que é também ética, implica se colocar no lugar das vítimas para desvelar o oculto, o invisibilizado, o naturalizado [...]” (SILVA *apud* ARAÚJO-OLIVEIRA, 2014, p. 58).

Neste mesmo sentido, Freire (2011) demonstra em seus estudos uma nítida preocupação que transcende a sala de aula, visão que corrobora a justificativa desta pesquisa em um contexto de estudos em Educação Sociocomunitária, uma vez que práticas educativas entre grupos sociais estigmatizados devem ser igualmente legítimas instâncias de reconhecimento e atenção. O educador comprometido com a transformação da realidade opressora preocupa-se com a ética universal do ser humano, tendo como base o respeito pelo outro e pela vida, pela qual devemos lutar. Em sua obra “Pedagogia da autonomia”, Freire (2011) postula que um dos saberes imperativos à prática educativa é o reconhecimento de que ensinar exige pesquisa.

Ao destacar a importância de o educador estar em constante processo de pesquisa, conhecendo aquilo que desconhece a fim de comunicar e anunciar a novidade, Freire (2011) defende a tese de que são próprias da natureza docente a curiosidade, a indagação e a pesquisa; portanto, apropriar-se de novos saberes implica um compromisso do educador com a consciência crítica do educando, pois a promoção da ingenuidade para a criticidade não acontece de forma automática.

A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta, faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem a curiosidade

que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos (FREIRE, 2011, p. 33).

## **Caminhos da pesquisa: o (des)encontro com o outro**

Para a realização deste trabalho, adotamos técnicas e procedimentos decorrentes do método etnográfico, o qual é essencialmente advindo do campo da antropologia. Todavia, diversas áreas, tais como a educação, incorporam algumas proposições teórico-conceituais da antropologia na construção de suas próprias metodologias, em especial aquelas que abarcam a interação intersubjetiva como elemento essencial da pesquisa, como as metodologias dialógicas educacionais. De acordo com Severino (2007, p. 119), a pesquisa etnográfica

visa compreender, na sua cotidianidade, os processos do dia a dia em suas diversas modalidades. Trata-se de um mergulho no microssocial, olhado com uma lente de aumento, aplica métodos e técnicas compatíveis com uma abordagem qualitativa.

Rocha e Eckert (2008) consideram a pesquisa etnográfica como um exercício de olhar e escutar o contexto estudado, o qual pressupõe um deslocamento da cultura do pesquisador para a realidade investigada. Refletem que a pesquisa de campo etnográfica, enquanto um aprendizado de estudar o outro para conhecê-lo, com alteridade, acaba corroborando o autoconhecimento do próprio pesquisador. E quanto às técnicas e procedimentos decorrentes desse tipo de pesquisa, observam que:

O método etnográfico se define pelas técnicas de entrevista e de observação participante complementares aos procedimentos importantes para o cientista adequar suas preocupações estritamente acadêmicas e academicistas à trama interior da vida social que investiga (ROCHA; ECKERT, 2008, p. 14).

Partindo dessa abordagem qualitativa de tipo etnográfica no campo da educação, nossas escolhas metodológicas se situam nos caminhos que perpassam a obra freireana, entendendo que educação e antropologia podem operar sincronicamente do ponto de vista do processo investigativo

dialógico. Destacamos que Freire (2009) define o ser humano como produtor de cultura e, a partir de uma concepção epistêmica existencial, como um vir-a-ser “condenado” a aprender em processo de interação, uns com os outros, na sua cotidianidade, nos processos do dia a dia.

Ao relativizar o método criado pelo educador para contemplar jovens e adultos, por exemplo, podemos ilustrar essa importante sincronia que concebemos aqui. Fiori (2009, p. 13), ao prefaciá-la obra “Pedagogia do Oprimido”, destaca que “as técnicas do referido método acabam por ser a esterilização pedagógica do processo em que o homem constitui e conquista, historicamente, sua própria forma: a pedagogia faz-se antropologia”.

Esclarecemos, portanto, que não adotamos o método etnográfico em sentido estrito, e sim apenas as técnicas e procedimentos decorrentes desse tipo de pesquisa, a saber: observação direta, conversas informais, registros em diários de campo e, por fim, aplicação de entrevistas semiestruturadas. Vamos principiar pela observação participante, a qual se iniciou após reorganizarmos os rumos da pesquisa.

Na ocasião em que traçávamos os caminhos de nossa pesquisa, cabe destacar que o estudo etnográfico que nos chamou a atenção – entre tantos outros possíveis que se debruçam sobre a invisibilidade simbólica de sujeitos que atuam em profissões que não exigem qualificação escolar – foi o do psicólogo social Fernando Braga da Costa (2004), o qual trata de uma investigação sobre a invisibilidade simbólica dos garis da cidade universitária da Universidade de São Paulo (USP). Quando o pesquisador se vestia com o uniforme de gari, muitas vezes logo após algum contato anterior com professores e colegas de *campus*, tornava-se “invisível” aos olhos dos deles.

De tal modo, a ideia inicial da pesquisa da qual emergiu este artigo foi conhecer as diferentes formas de educar e educar-se presentes em práticas sociais de pessoas que trabalham na linha de produção da indústria alimentícia, em matadouros e/ou abatedouros de animais, tais como encarregados de matança, triparias, magarefes, entre outros profissionais. Entretanto, não foi possível uma aproximação com tais sujeitos por causa de os estabelecimentos que tentamos contato não abrirem suas portas. De acordo com Oliveira *et al.* (2014, p. 119):

Partir da perspectiva do oprimido, das vítimas destes sistemas, é o que também propõe Dussel (2002), quando elabora uma ética da libertação articulada de forma a garantir a vida e a dignidade de todos os seres humanos por meio da

ação social. Por esse motivo, o autor afirma que a ética da libertação trata de uma ética da vida. Para ele, a alteridade não é apenas o reconhecimento da vítima como tal, mas a responsabilidade ético-crítica com a vítima dentro do sistema vigente e da ação para que se negue a negatividade da vítima, assegurando-lhe a manifestação da vida digna.

Motivadas pelos documentários “Carne e Osso”<sup>24</sup> e “Engrenagem”<sup>25</sup>, almejávamos conhecer os profissionais que trabalham nessa parte da cadeia produtiva da indústria da carne, conhecer como vivem essas pessoas, como enxergam o seu trabalho, sobretudo por se tratar de uma profissão complexa, que é o “abatimento” dos animais, e qual o reconhecimento de seu papel profissional perante a sociedade. Logo de início, percebemos o quanto são invisibilizados, pois estes estabelecimentos não nos permitiram nenhum contato com os seus colaboradores; eles não puderam nem ao menos saber da proposta da pesquisa e escolher se participariam ou não.

Conforme Freire (2009, p. 32):

A desumanização, que não se verifica, apenas, nos que têm sua humanidade roubada, mas também, ainda que de forma diferente, nos que a roubam, é distorção da vocação do ser mais. É distorção possível na história, mas não vocação histórica. Na verdade, se admitíssemos que a desumanização é vocação histórica dos homens, nada mais teríamos que fazer, a não ser adotar uma atitude cínica ou de total desespero. A luta pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoas, como “seres para si”, não teria significação. Esta somente é possível porque a desumanização, mesmo que um fato concreto na história, não é, porém, destino dado, mas resultado de uma “ordem” injusta que gera a violência dos opressores e esta, o ser menos.

Desta forma, em razão da impossibilidade de acesso aos sujeitos de pesquisa e visando nos aproximar do cenário macrossocial sobre o qual nos propomos a investigar, alteramos o foco de investigação para os açougueiros, os quais fazem parte igualmente deste contexto, embora estejam alocados nos processos produtivos finais da indústria da carne, ou seja, desempenham o trabalho, teoricamente, mais “limpo” da cadeia produtiva.

Tais profissionais seriam mais acessíveis às pesquisadoras, visto que uma delas frequentava semanalmente em Campinas/SP, enquanto consu-

midora, um espaço relativo ao contexto estudado. As demais pesquisadoras, por adotarem uma dieta vegetariana, não frequentavam tais espaços, mas organizaram-se para o mergulho no microssocial. Neste caso, contou-se um açougue na cidade de Piracicaba, de propriedade de amigos de família de uma das pesquisadoras, fato que ajudou no acesso sistemático e mais “livre” aos profissionais. Logo após o pedido de consentimento por parte dos indivíduos, as pesquisadoras passaram a estar presentes com regularidade nos açougues. Passamos, por fim, à aplicação de entrevistas semiestruturadas.

## Dados da pesquisa

No processo da pesquisa, dez açougues foram contatados, dos quais cinco abriram as portas, nos municípios de Piracicaba/SP e Campinas/SP. O diálogo foi viabilizado com cinco profissionais. O instrumento de coleta de dados utilizado foi a entrevista (com gravação de áudio e entrevista telefônica).

A trajetória de pesquisa se deu a partir do (re)conhecimento e observação do sistema (macro), do (re)conhecimento e observação do profissional (o micro) nas subjetividades de seus saberes sobre a profissão, com vistas ao diálogo sobre sua conjectura diante da invisibilidade social.

Como foi dito, visitamos dez estabelecimentos, e somente cinco concordaram em participar do processo de pesquisa. Na primeira visita feita em um supermercado em Campinas, pudemos observar a resistência, a desconfiança e o medo por parte dos funcionários (açougueiros), mesmo apresentando uma carta com os motivos e objetivos da pesquisa. Abordamos três funcionários que não quiseram participar da pesquisa alegando não terem tempo; então, propusemos outro horário, por exemplo, o horário do almoço, antes ou depois do expediente, mas os três funcionários disseram que não queriam participar.

Outros supermercados, açougues e “varejões” foram visitados, mas as pessoas ali empregadas também se recusaram a participar da entrevista. Ficou claro que é muito mais difícil obter um diálogo nos estabelecimentos de maior porte, como os supermercados e varejões, por causa da hierarquia e da desconfiança dos supervisores e/ou gerentes do açougue. No varejão visitado, o gerente não permitiu sequer o contato com seus funcionários.

Evidencia-se nesta situação o quanto esses funcionários têm suas vozes veladas dentro das empresas, sendo, muitas vezes, vetados a participar ativamente de processos decisórios. Freire (2009, p. 36) afirma que:

Qualquer que seja a situação em que alguns homens [e mulheres] proibam aos outros que sejam sujeitos de sua busca, se instaura como situação violenta. Não importa os meios usados para esta proibição. Fazê-los objetos é aliená-los de suas decisões, que são transferidas a outro ou a outros.

Visitamos outros estabelecimentos e conseguimos a participação de cinco profissionais, três eram donos de pequenos açougues e dois eram funcionários, sendo que o diálogo com um desses funcionários se deu por contato telefônico, pois alegou ter medo de participar da entrevista no seu ambiente de trabalho.

Silva (s/d *apud* ARAÚJO-OLIVEIRA, 2014, p. 62) nos apresenta a importância do diálogo face a face.

Na experiência do diálogo, constitui-se entre mim e outro um terreno comum, meu pensamento e o dele formam um só tecido, minhas falas e as dele são invocadas pela interlocução, inserem-se numa operação comum da qual nenhum de nós é o criador. Há um entre-os-dois, eu e o outro somos colaboradores, numa reciprocidade perfeita coexistindo no meu mundo. No diálogo fico liberado de mim mesmo, os pensamentos de outrem são dele mesmo, não sou eu quem os formo, embora eu os aprenda tão logo nasçam e mesmo me antecipo a eles, assim como a abjeções de outrem arrancam de mim pensamento que eu não sabia possuir, de tal modo que, se lhe empresto pensamentos, em troca ele me faz pensar.

Procuramos realizar a pesquisa tendo como base o diálogo e/ou encontro entre duas pessoas, reconhecendo a outra pessoa como igual, e nunca como inferior, respeitando o seu saber, sua experiência, seu cotidiano e sua cultura. Entendemos que é somente dessa forma que conseguiremos avançar e transformar nossa realidade em algo melhor.

Ademais, acreditamos que, assim como Oliveira *et al.* (2014, p. 118):

O resultado de estudos e investigações desenvolvidos em diálogos com pessoas que fazem parte de grupos sociais

marginalizados tem demonstrado que elas produzem saberes, valores e modo de perceber a situação em que vivem, além de criarem estratégias para encaminhar os problemas com os quais se deparam.

## Conhecendo o outro: nossos interlocutores

No Quadro, consta a caracterização dos sujeitos participantes da pesquisa, os quais atuam como açougueiros<sup>6</sup>:

**Quadro – Caracterização dos participantes.**

Os interlocutores	Tempo de atuação na área	Formação
Miguel, 30 anos, colaborador em estabelecimento comercial no município de Piracicaba.	15 anos de profissão.	Ensino fundamental incompleto.
Darci, 62 anos, pequeno comerciante no município de Piracicaba.	49 anos de profissão.	Ensino fundamental incompleto.
Atílio, 30 anos, pequeno comerciante no município de Campinas.	15 anos de profissão.	Ensino fundamental incompleto.
Armínio, 48 anos, pequeno comerciante no município de Campinas.	35 anos de profissão.	Ensino fundamental incompleto.
Josué, 40 anos, colaborador em estabelecimento comercial no município de Piracicaba.	21 anos de profissão.	Ensino médio completo.

Fonte: elaborado pelas autoras.

Antes de iniciarmos o diálogo, levantamos algumas proposições fundamentais, como: os saberes e vivências do açougueiro e sua leitura de mundo. Com quatro sujeitos, os diálogos se deram em um único encontro nos seus locais de trabalho, e o diálogo com o quinto sujeito aconteceu por contato telefônico.

Com relação à trajetória profissional, um dos entrevistados relatou:

Comecei levando marmita no matadouro tinha uns 11 anos. Via aquilo tudo e comecei a ficar interessado pelo assunto [...] Era um matadouro pequeno, sabe? Sabe aquilo

que você vê de trabalho escravo na TV? Aí o sujeito tira a cabeça do boi e diz: puxa para lá moleque!  
[Pesquisadora] O senhor não se assustava?  
[Resposta] Eu já estava interessadíssimo (sr. Darci).

Outro sujeito afirmou que:

[...] quando eu comecei a trabalhar, não é como hoje... hoje quem não fizer faculdade é porque não quer fazer. Na minha época era muito mais difícil. Por falta de opção, eu comecei a trabalhar no açougue e gostei, e estou até hoje (sr. Armínio).

É conveniente notar a relação estabelecida no discurso do sr. Darci quando atrela o matadouro à representação simbólica de locais de trabalho escravo. Percebemos algo análogo a algumas passagens que se apresentam no documentário “Carne e Osso”, quando denuncia as precárias condições de trabalho dos profissionais envolvidos na cadeia de produção e comercialização da carne.

Entende-se que esse discurso evidencia muito o contexto de opressão de onde se produz o discurso. Por outro lado, notamos também em ambas as falas a afirmação sobre o gostar daquilo que se faz. Quando questionados sobre o que aprenderam e aprendem no ofício, alguns depoimentos trazem importantes saberes da profissão.

Dessa forma, a fim de sistematizar a análise que se segue, separamos em três subtemas, os quais emergem das falas dos sujeitos acerca de seus saberes sobre a profissão: a faca, a gordura amarela e os saberes empreendedores.

Sobre a faca como instrumento de trabalho:

[...] desossar, no começo é bem difícil. Eu cortei o dedo, e outra vez furei a perna, a faca escapou (sr. Josué).  
[...] nós vai ensinando a pessoa que tá começando, tô desossando uma carne lá, e você tem que puxar meio pro lado, se você puxar aqui ó (aponta para baixo) a faca vem para a barriga, já aconteceu isso no mercado com o meu colega (sr. Miguel).

Sobre a gordura amarela:

[...] o cara faz um curso aí, então ele aprende que carne amarela é carne de vaca, mas no nosso país, até 30 anos atrás, o boi Nelore não era um gado difundido, tinha o gado Caracu, ele era bem pequeno, e esse boi dava a gordura amarela, mais saudável [...] o traseiro dele era menor, mas o que dá carne é o traseiro maior [...] a gente olha aquela carne bonita amarela, enquanto o açougueiro novo olha aquela gordura amarela e fala que é de vaca [...] o sujeito quando é novo para ele conhecer é quase impossível (sr. Darci).  
Tem a carne A, B e C [...] tem o boi de cocho e o boi de pasto, às vezes você vê aqui um boi de cocho e vê a gordura mais amarela, a carne é mais saudável e é mais tratada... de pasto não, já é uma carne mais musculosa, porque ele vive andando bastante, e o de cocho não, ele vive lá só para comer (sr. Miguel).

De acordo com as falas, percebemos que os sujeitos conhecem e vão se tornando especialistas na sua profissão conforme vão adquirindo experiências; eles sabem diferenciar os tipos de bois e as suas carnes, bem como a melhor forma de utilizar o seu instrumento de trabalho, “a faca”.

Um dos pesquisados comenta que, quando o profissional é novo no ramo, é quase impossível conhecer os tipos de carne. Entendemos que os sujeitos reconhecem o seu valor quando falam da experiência na sua profissão e se orgulham disso.

Já sobre os saberes empreendedores, com relação ao que consideram importante em sua profissão, a maioria dos sujeitos comentou sobre a qualidade no atendimento aos clientes, que o diferencial de um açougue é o tratamento, saber oferecer e orientá-los na escolha do produto “carne”.

Eu acho que o atendimento e saber conversar com o cliente é um macete na profissão, oferecer opções; é o mesmo que chegar numa loja de roupa e o vendedor ficar lá em pé e não te dar opções. Precisa conversar com o cliente, falar que essa carne é boa pra panela, essa é melhor pra churrasco. O cliente fala eu quero 1 kg de coxão mole pra churrasco... tudo bem, eu vou te explicar: o coxão mole não é uma carne boa pra churrasco, tem alcatra, fraldinha, maminha, mas se você quiser levar.

[O sr. Armínio faz uma pergunta à pesquisadora] E você, o que faz? É formada em quê?

[Pesquisadora] Sou contadora.

[E o sr. Armínio continua] É a mesma coisa você... o cliente vai falar eu tô te pagando um salário e você não tá retribuindo, então não vou trabalhar com você. Aqui tem vários comércios de carne, você tem que ganhar o cliente no atendimento, na qualidade. Eu tô aqui há 10 anos, mas esse açougue aqui tem 50 anos, vem de vô pra pai. É da família, é diferente de você botar um açougueiro aqui, ele atende, mas daquele jeito... igual você andar com o seu carro, você vai tomar cuidado, se der pra outra pessoa você vai ver. O principal é o atendimento, boca a boca, tem uns senhores que compram aqui há 30 ou 40 anos, eu capricho, pra um falar pro outro, é o boca a boca (sr. Armínio).

## Invisibilizados?

É possível notar olhares dicotômicos no que se refere a como esses profissionais se veem e entendem ser vistos pela sociedade de forma geral. Quando questionados sobre como as pessoas enxergam a profissão de açougueiro, as reflexões foram as seguintes:

Não acham legal, não acham por causa do sangue, da carne, do cheiro; é difícil, precisa se adaptar... eu gosto de ser açougueiro (sr. Josué).

Não é uma profissão que, quando meu filho crescer, eu quero que ele seja açougueiro. Tem aqueles adolescentes que convivem na família, sabe como é o trabalho e acaba gostando, porque é uma profissão que se pega amor, principalmente quando você aprende, ela é muito interessante (sr. Atílio). [...] não falaria para o meu filho ser açougueiro, falaria para ele estudar para ter a oportunidade que eu não tive. Eu podia estudar para ser uma pessoa melhor, mas eu optei ser açougueiro, como eu falei pra você, mas, se eu pudesse voltar atrás, seria outra coisa. A sociedade precisa de nós, se não tivesse açougueiro, onde irão comprar a carne? Iam criar para matar? (sr. Miguel).

Quando perguntados se já sofreram algum tipo de preconceito, dois sujeitos da pesquisa trazem relatos bastante sofridos:

Já. Hoje não, mudou muito. Na época em que trabalhava na rua José Paulino no centro de Campinas, já sofri, as pessoas

falavam: “Nossa que cara fedido, cheirando carne”; hoje não, antes tinha, você tava trabalhando, saía na hora do almoço e falava: “Vou comprar um sapato na loja Baby”; as moças falavam: “Hum, cheiro de carne”. Trabalhava das 7 às 7, não vou mentir, ia embora sem tomar banho, não tinha banheiro, aí falavam dentro do ônibus: “Cheiro de carne aqui dentro”, aí eu ficava quietinho, as pessoas sabiam que era eu (sr. Armínio).

Às vezes tem o preconceito: “Nossa, você tá cheirando carne”. Algumas pessoas acham que é fácil e não dá merecimento (sr. Josué).

Verificamos, por meio do diálogo com esse grupo de profissionais, que, apesar de gostarem da profissão, eles carregam algumas marcas da invisibilidade. Aqueles que possuem profissões mais valorizadas ou melhores condições de vida se consideram superiores e não conseguem olhar para o outro (aqueles com condições precárias de qualidade de vida ou profissões menos valorizadas) sem julgamento; tratam essas pessoas com indiferença, como se elas fossem “coisas” ou “objetos”.

Igualmente a Freire (2011, p. 59), posicionamo-nos sobre como qualquer tipo de discriminação é imoral:

[...] O que quero dizer é o seguinte: que alguém se torne machista, racista, classista, sei lá o quê, mas se assuma como transgressor da natureza humana. Não me venha com justificativas genéticas, sociológicas ou históricas ou filosóficas para explicar a superioridade da branquitude sobre a negritude, dos homens sobre as mulheres, dos patrões sobre os empregados. Qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever por mais que se reconheça a força dos condicionamentos a enfrentar.

Ao serem perguntados sobre se conheciam todo o processo e etapas de transformação da carne, as respostas foram:

Eu nunca presenciei, mas tem várias etapas. Quando mata, aí tem que dar banho, pra limpar a carne e tem que ter a temperatura adequada; tem fiscalização... todo frigorífico tem a fiscalização, se não tiver certinho com SIF, se alguém chegar e perguntar tem nota esta carne? Eu tenho, tem procedimentos... tem uma rede aqui em Campinas, não vou

citar nomes, pegaram uns dias atrás com roubo de carne. Se um cliente comprar uma carne minha e passar mal, eu não vou responder, eu tenho atestado, aí é onde deram o aval pra essa carne chegar até aqui, você não pode comprar em qualquer lugar não. Eu tenho todas as notas, se chegarem aqui, está tudo guardadinho (sr. Armínio).

Conheço um pouco: primeiro o boi deve ter um descanso no matadouro, avaliação com o veterinário, o processo para tirar o estresse (descanso e banho), depois vai para o matadouro. Tem uma máquina que dá choque no boi, depois vai tirar o couro, vai cortando, daí desossa, fica num lugar refrigerado, passa pela máquina de embalar à vácuo, não pode embalar quente, pressão para não ter ar, tem que ter a temperatura adequada para o armazenamento, o caminhão é refrigerado para as entregas (sr. Josué).

Quanto ao processo da transformação da carne, os sujeitos da pesquisa disseram conhecer bem, mas em nenhum momento demonstraram desconforto quanto ao modo como é realizada a morte dos animais, pois para eles – assim como significativa parte das pessoas de nossa sociedade – esse é um processo “natural”.

Araújo-Oliveira (2014, p. 101) nos chama a atenção quando diz:

Nessa hierarquia coloca-se o homem [mulher] acima de todas as outras criaturas da Terra, conferindo-lhe o direito de intervir e controlar o curso dos acontecimentos na Terra. Considerado o proprietário da natureza, exerce domínio por meio da ciência e da técnica, com severas consequências para o equilíbrio biológico e o desenvolvimento da vida.

É nesse aspecto que devemos refletir, pois, nas últimas décadas, houve um aumento significativo do consumo da carne, e, de acordo com o estudo realizado por ambientalistas em 2014, os impactos são muitos, por exemplo: o aumento do uso de terras para a produção de ração, reduzindo áreas destinadas à plantação de alimento, contribuindo para o aumento de preço dos produtos da cesta básica, além do aumento do desmatamento das florestas. Sem contar a forma desumana como os animais são criados e a forma brutal como são mortos. Neste caso, teríamos aqui outros oprimidos a serem considerados também?

## Considerações finais

Os resultados assinalam que, embora a maioria dos entrevistados não se reconheça como invisível socialmente, apontando a importância de seus saberes nas práticas sociais, a análise de seus discursos contradiz em alguns aspectos suas afirmações, quando questionados acerca do olhar que a sociedade emprega a suas práticas sociais e educativas, por exemplo. Infere-se que há um preconceito velado em relação a essa profissão, o qual se evidencia na constituição das subjetividades dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

Por meio da pesquisa realizada, pelo diálogo face a face com um grupo de trabalhadores (açougueiros), concluímos que há marcas da invisibilidade em suas vidas, que são vítimas de preconceitos e discriminação e também são tratados como seres inferiores.

Notamos em suas falas que a sociedade os julga por “serem menos”. Por causa dessa classificação, não querem que seus filhos trilhem o mesmo caminho e escolham a mesma profissão – anseiam por uma “profissão melhor”.

Por outro lado, enxergam a importância da profissão, sabem que a sociedade necessita do seu trabalho e reconhecem-se como fundamentais. Na fala de um dos sujeitos da pesquisa, ele comenta que, se não existisse essa profissão, o que a sociedade faria? Ela teria que criar os animais para depois matar?

Eles esperam ser mais valorizados e reconhecidos e afirmam que o seu trabalho não é fácil, não é simples, mas é necessário.

Como pesquisadoras, obtivemos um rico aprendizado: inicialmente aprendemos a importância do diálogo na pesquisa, do encontro face a face, de olhar o outro como ser “igual”, sem levar as marcas da cultura eurocêntrica. Aprendemos a deixar nossos pensamentos, raízes e pretensa “superioridade” e nos entregar a essa nova experiência. Aprendemos a viver um novo mundo, o mundo do outro.

Durante as entrevistas e diálogos, aprendemos a olhar com outros olhos para essas pessoas que carregam em si a profissão de açougueiros. Compreendemos as aflições do dia a dia de uma profissão complexa e, muitas vezes, desvalorizada. Observamos similaridades de trajetórias profissionais, escolhas e oportunidades.

Entendemos que a pesquisa tem um papel fundamental e de extrema importância. Ela deve ser utilizada para amparar e defender as pessoas que

são classificadas como inferiores ou oprimidas. É necessário buscar a igualdade, a solidariedade e, principalmente, a inclusão social; é preciso “ouvir” o outro, assumir o seu lugar, compreender suas vontades e suas angústias.

A exclusão social não se define somente em termos econômicos. Quando os sujeitos não são ouvidos, quando não lhes é dada a oportunidade de expressar seus desejos e anseios, quando lhes são negados direitos fundamentais, estão, igualmente, alijados e impedidos de se reconhecerem como sujeitos [...] (VASCONCELOS, 2014, p. 202).

Esperamos que esta pesquisa seja fonte de inspiração e reflexão para ampliar a discussão sobre os direitos humanos, sobre as pessoas que são consideradas inferiores e sofrem preconceitos, pois é preciso aprender a olhar o outro como nós mesmos.

E, assim, encerramos este artigo com uma afirmativa de Araújo-Oliveira (2014, p. 107): “[...] Não é possível pensarmos em uma transformação social sem levar em conta o universo de silenciados, invisibilizados, vítimas do discurso hegemônico”.

Recebido em: 20/01/2020  
Aprovado em: 20/04/2020

## Notas

1 Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Mestra em Educação pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo (UNISAL). Atualmente atua com orientadora associada do programa de MBA em Gestão Educacional do PE-CEGE-ESALQ-USP e avaliadora de cursos de graduação (Banco Nacional de Avaliadores - BASIs) do Sistema Nacional de Avaliação Superior (SINAES), certificada pelo INEP/MEC. E-mail: [lucianna.crgodoy@gmail.com](mailto:lucianna.crgodoy@gmail.com)

2 Mestra em Educação pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo (UNISAL) (2017). Graduada em Ciências Contábeis pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP) (2002). Atualmente é consultora acadêmica na Kroton Educacional. E-mail: [gisele.zanardi.fac@gmail.com](mailto:gisele.zanardi.fac@gmail.com)

3 Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), em cotutela com a Universidade de Salamanca/Espanha (2002). Mestra em Educação Especial pela UFSCar (1996). Pós-doutora pela UFSCar (2016) e pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), *campus* Araraquara (2012). Atualmente é professora do Programa de Pós-gra-

duação em Educação do Centro Universitário Salesiano de São Paulo (UNISAL). E-mail: valvasc2013@gmail.com

4 Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=NAh1XX\\_LomM](https://www.youtube.com/watch?v=NAh1XX_LomM).

5 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KmIprNpcd94>.

6 Os nomes são fictícios, e todos os profissionais consentiram formalmente em participar do estudo.

## Referências

A ENGRENAGEM. Roteiro e direção: Denise Tavares Gonçalves. Instituto Nina Rosa, 2012. 1 vídeo (ca 17 min). Publicado pelo canal Instituto Nina Rosa. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=KmIprNpcd94&ab\\_channel=InstitutoNinaRosa](https://www.youtube.com/watch?v=KmIprNpcd94&ab_channel=InstitutoNinaRosa). Acesso em: 7 jan. 2020.

ARAÚJO-OLIVEIRA, Sonia Stella. Exterioridade: o outro como critério. *In*: OLIVEIRA, Maria Waldenez; SOUSA, Fabiana Rodrigues de.

**Processos educativos em práticas sociais: pesquisas em educação.** São Carlos: EDUFSCar, 2014.

BOSI, Antônio de Pádua. Dos açougues aos frigoríficos: uma história social do trabalho na produção de carne, 1750 a 1950. **Revista de História Regional**, v. 19, n. 1, p. 83-103, 2014. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br//index.php/rhr/article/view/5441>. Acesso em: 7 jan. 2020.

BRAGA, Fernando Braga da Costa. **Homens invisíveis**: relatos de uma humilhação social. São Paulo: Editora Globo, 2004.

CARNE E OSSO RESUMIDO. [S. l.: s. n.], 2014. 1 vídeo (ca 9 min). Publicado pelo canal Cíntia Viviane Ventura da Silva. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=NAh1XX\\_LomM&ab\\_channel=talitarosa](https://www.youtube.com/watch?v=NAh1XX_LomM&ab_channel=talitarosa). Acesso em: 7 jan. 2020.

FIORI, Ernani Maria. Aprender a dizer a sua palavra. *In*: FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 48. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 48. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

OLIVEIRA, Maria Waldenez *et al.* Pesquisando processos educativos em práticas sociais: reflexões e proposições teórico-metodológicas. *In: OLIVEIRA, Maria Waldenez; SOUSA, Fabiana Rodrigues de. **Processos educativos em práticas sociais**: pesquisas em educação. São Carlos: EDUFSCar, 2014.*

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. Etnografia: saberes e práticas. **Iluminuras**, Porto Alegre, v. 9, n. 21, p. 1-23, 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/9301/5371>. Acesso em: 7 jan. 2020.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2007.

VALLA, Victor Vincent. A crise de interpretação é nossa. **Educação e Realidade**, v. 21, n. 2, p. 177-190, jul./dez. 1996. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71626/40626>. Acesso em: 7 jan. 2020.

VASCONCELOS, Valéria Oliveira de. Diálogos às margens: reinventando a Educação Popular em contextos de trabalho comunitário e pesquisa. *In: OLIVEIRA, Maria Waldenez; SOUSA, Fabiana Rodrigues de. **Processos educativos em práticas sociais**: pesquisas em educação. São Carlos: EDUFSCar, 2014.*